

APRESENTAÇÃO

Este número da revista da ANPOLL, dedicado aos Estudos Literários, traz 12 artigos inéditos, 01 artigo traduzido e 02 entrevistas. Abre o volume o texto de Marco Lucchesi, intitulado “O Manto de Arthur Bispo”, no qual o autor, no discurso de posse na presidência da Academia Brasileira de Letras, revisita o passado e o presente na voz de autores e textos e projeta o futuro com desejos e sonhos: “O sonho do Brasil como um livro em construção. Um livro de muitos autores, com muitos ângulos, espelhado, onde cada qual se reconheça em suas páginas, como fizeram Lima Barreto e Machado de Assis. Como se fora o manto de apresentação de Arthur Bispo do Rosário. Uma cartografia total. A memória de tudo, em todos”. Na sequência, em “Burrice acadêmico-literária brasileira”, Fábio Durão trata o modo como a “burrice acadêmica brasileira” se manifesta nos estudos literários, a partir de três eixos: a relação entre a universidade de pesquisa e o projeto nacional-desenvolvimentista brasileiro; a equivocada representação social da Área de Letras; e as consequências decorrentes de uma concepção cientificista de tratamento da literatura. Em “Os escritores da Amazônia do século XIX para além das histórias literárias”, Germana Maria Araújo Sales e Alan Victor Flor da Silva, com o intuito de complementar as histórias literárias vigentes, apresentam algumas antologias literárias amazônicas a fim de recuperar autores de prosa de ficção da Amazônia do século XIX como contribuição para a história da literatura brasileira. Em “Uma espaçonave na aldeia indígena”, Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros analisa o romance *Rio acima*, do antropólogo Pedro Cesarino, publicado em 2016. No artigo “Representações da violência no conto ‘Ana Davenga’, de Conceição Evaristo”, Sebastião Marques Cardoso e Elen Karla Sousa da Silva tratam da temática da violência no conto “Ana Davenga”, de 2015. Na sequência, Alessandra Ramos de Oliveira Harden e Luciene do Rêgo da Silva em “Harriet Ann Jacobs: feminismo e literatura” procuram analisar *Incidents in the Life of Slave Girl* de Harriet Ann Jacobs com base na noção de autobiografia proposta por Philippe Lejeune. Tendo em vista que se trata de escrita autobiográfica, com o relato de uma mulher em situação de escravidão nos Estados Unidos do século XIX, as autoras defendem a ideia de que a leitura de *Incidents* ajuda a compreender a importância da voz da mulher negra escravizada no Brasil. Em “‘Agora que pus no papel, posso começar a me esquecer’: sujeito, memória e representações nas autobiografias e diários de W.B. Yeats”, Maria Rita Drumond Viana aborda aspectos teóricos que distinguem a prática de W. B. Yeats em dois gêneros de escrita auto/biográfica: a autobiografia e o diário. No artigo “Entre metaficção e metafísica, ou como interpretar *Pale Fire*”, Tauan Fernandes Tinti explora o problema da autoconsciência metaficcional na obra de Vladimir Nabokov a partir da figura de John Shade, o autor fictício de “*Pale Fire*”, poema que integra o romance de mesmo título. Em “A paisagem no teatro de Gertrude Stein e seus desdobramentos”, Dirce Waltrick do Amarante trata da dramaturgia

da norte-americana Gertrude Stein, a partir das "peças-paisagem", as quais mesclam teatro com artes plásticas, impondo uma nova forma de percepção teatral. Em "Representações literárias da revolução mexicana na narrativa de Juan Rulfo", Lourdes Kaminski Alves analisa em que medida Pedro Páramo encerra perspectivas da narrativa contemporânea latino-americana e abarca uma memória social. Em "Hilda Hilst e Georges Bataille de mãos dadas com a morte", Aline Leal Fernandes Barbosa, a partir da obra e da trajetória de Hilda Hilst e de Georges Bataille, analisa algumas paisagens poéticas do espetáculo do ver-se morrer através do outro. Em "correspondências euro-americanas: Poe, Baudelaire, Valéry, Wilson e a construção do Simbolismo", Anelito Pereira de Oliveira revisita a construção da poética simbolista no século XIX, a partir da relação entre Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire. A abordagem é estimulada pela interpretação que Paul Valéry faz da relação entre os dois autores, bem como pela interpretação que Edmund Wilson apresenta do quadro literário romântico anglo-saxão. Para finalizar a seção, o artigo "A perspectiva da pensativa traça de livro quanto à pesquisa literária e linguística", de Suman Gupta, traduzido por Matheus Barbosa Morais de Brito, discute a herança filológica como horizonte das práticas acadêmicas correntes nos estudos literários, suas transformações e possibilidades de renovação. O número conta ainda com duas entrevistas. A primeira com Kenneth David Jackson, realizada por Andréia Guerini e Cynthia Costa, na qual o entrevistado fala, principalmente, de Machado de Assis no contexto norte-americano. Na segunda, Berthold Zilly, entrevistado por Claudia D'Avila Sylveira, que fala da sua intensa relação com o Brasil, a partir das suas preferências literárias.

Boa leitura!
Andréia Guerini